



COVID-19

Camilla L. Borges*¹ e 1T (RM2-S) Shana P.C. Barroso*²



Uma rua em Wuhan

A doença que recebeu o nome de COVID-19 (do inglês, *coronavirus disease* – 2019) é causada por um novo coronavírus, denominado SARS - CoV-2 (do inglês, *severe acute respiratory syndrome coronavirus 2*), em referência a outro coronavírus que causou surtos de uma síndrome respiratória aguda em 2002.

Os coronavírus são vírus envelopados, isto é, apresentam uma bicamada lipídica ao redor do seu capsídeo (sua estrutura proteica), e graças a esse envelope é possível inativá-lo nas superfícies com álcool 70%.

Outra característica dessa família viral é possuir como material genético o ácido ribonucleico, comumente chamado de RNA. Os vírus com RNA são conhecidos por mutarem com mais facilidade que os vírus que possuem o ácido desoxirribonucleico (DNA).

Os primeiros casos desse novo vírus foram notificados em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, China. No final de janeiro, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que o surto do novo coronavírus constituía uma emergência de saúde pública de importância internacional até o decreto de pandemia, em 11 de março.

Segundo a OMS e o Ministério da Saúde brasileiro, até a primeira semana de junho havia mais de 7 milhões de pessoas infectadas no mundo, sendo mais de 700 mil casos no Brasil, deixando-nos entre os 10 países do mundo com mais casos de COVID-19.

Como ocorre a infecção?

A transmissão ocorre principalmente de uma pessoa contaminada para outra. Isso acontece por meio do contato próximo entre elas, pois ao tossir, falar ou espirrar, liberam-se pequenas gotas, nas quais pode haver a presença do vírus. Além disso, o contato das mãos contaminadas com a boca, nariz e olhos é uma forma muito comum de contrair o coronavírus. Isso ocorre porque muitas vezes elas são usadas para cobrir a boca quando as pessoas tosse ou espirram, tocam em superfícies contaminadas ou apertam as mãos de pessoas contaminadas.

Quais são os sintomas?

A maioria dos sintomas é similar aos sintomas da gripe ou do resfriado comum, porém, podem aparecer diarreia, calafrios, dor na região dos pulmões (popularmente descrita como “dor nas costas”) e dificuldade respiratória. Também tem sido relatado perda do olfato e do paladar. Os sintomas costumam aparecer, em média, de 5 a 6 dias após o contágio, contudo existem indivíduos que não apresentam nenhum dos sintomas, mas são portadores e disseminadores do vírus.



Quais são os grupos de risco?

As pessoas que possuem doenças imunodepressoras, que fazem uso de quimioterápicos, e idosos são consideradas grupos de risco. Além dessas, as que possuem doenças crônicas, tais como pressão alta, diabetes, obesidade e problemas cardiopulmonares também estão incluídas. Em princípio, gestantes também estão sendo descritas como grupo de risco devido às alterações imunológicas que ocorrem naturalmente no decorrer da gravidez.

Como se proteger?

As principais recomendações do Ministério da Saúde são: sair às ruas apenas para suprir as necessidades básicas, sempre usando máscara; não ir a lugares com aglomerações de pessoas; manter distância mínima de 2 metros de outros indivíduos; lavar bem as mãos com água e sabão ou utilizar álcool 70%; não tocar olhos, nariz e boca com as mãos sujas; higienizar superfícies com álcool 70% ou água sanitária diluída em água.

O recolhimento domiciliar e as medidas de higiene são as melhores maneiras de se preservar.

Quando usar máscara?

As máscaras constituem uma barreira física contra a disseminação viral. Dessa forma, é recomendado que sejam utilizadas pelas pessoas ao saírem de suas moradias ou mesmo em casa, se existir algum familiar suspeito ou confirmado. É fundamental observar que há diferentes tipos de máscaras e que se deve ter atenção à maneira correta de colocar, usar, retirar e descartá-las



Segundo o Ministério da Saúde, as máscaras denominadas N95 ou similares, que possuem uma capacidade de filtragem e resistência maiores, devem ser usadas, sobretudo pelos profissionais de saúde. As máscaras de tecido devem ter dupla camada e ser bem ajustadas ao rosto cobrindo a boca e o nariz.

Como é o diagnóstico laboratorial?

Dois tipos de testes têm sido amplamente utilizados em pacientes suspeitos de COVID-19: o RT-PCR e os testes rápidos.



O teste molecular conhecido como RT-PCR (do inglês *reverse-transcriptase polymerase chain reaction*), atualmente é considerado o “padrão ouro” para diagnóstico do novo vírus, pois o método apresenta maior exatidão nos seus resultados e deve ser realizado, principalmente, em pacientes que estejam na fase aguda da doença ou nos primeiros dias após a infecção. Para sua realização, são colhidas amostras de secreções da nasofaringe e orofaringe (através das narinas e da boca) do paciente, a partir das quais se procura identificar o RNA viral - material genético do vírus.

Já o teste imunológico ou sorológico, popularmente chamado de “teste rápido”, é mais indicado a partir de 10 dias após o início dos sintomas, segundo a ANVISA. Esse exame, visa à detecção de anticorpos (chamados IgM e/ou IgG) contra o coronavírus em amostra de sangue, os quais são produzidos naturalmente pelas pessoas que já foram expostas a tal vírus. O diagnóstico não deve ser baseado apenas no resultado de testes desse tipo, uma vez que há relatos na literatura de pessoas infectadas que só desenvolvem anticorpos em quantidades detectáveis pelos testes atuais até 20 dias após o início dos sintomas. Ademais, os testes atuais

exibem baixa sensibilidade para detecção viral.

Para concluir se há ou não a presença do SARS-CoV-2, os resultados dos testes devem ser interpretados por um profissional de saúde capacitado que deve considerar sinais e sintomas além de outros exames complementares.

Quando buscar tratamento?

Recomenda-se que apenas os indivíduos que apresentem sintomas respiratórios mais graves, tais como falta de ar, procurem atendimento nos hospitais.

Aquelas pessoas que estejam assintomáticas ou com sintomas leves devem permanecer em casa, de modo a realizar isolamento domiciliar por aproximadamente 15 dias, sempre utilizando máscaras e com as devidas medidas de higiene.

É importante ressaltar que ninguém deve se automedicar. Isso porque a eficácia de fármacos, amplamente falados nas últimas semanas, ainda está em fase de testes pela comunidade científica para o tratamento da doença causada pelo novo coronavírus. Além disso, é fundamental que sejam avaliados os efeitos adversos dessas medicações antes do seu amplo uso.

O Ministério da Saúde possui ferramentas gratuitas onde é possível ter ajuda para averiguar a gravidade dos sintomas e tirar dúvidas sobre possíveis *fakes news*: o “Disque Saúde”, por meio do qual usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) e profissionais de saúde possam entrar em contato com a ouvidoria do SUS para solicitar informações e fazer denúncias; e o “Saúde Sem Fake News”, por onde se pode enviar mensagens com imagens ou textos para confirmar se a informação procede.

A Marinha do Brasil também possui um canal de comunicação sobre saúde chamado “Saúde Naval”, onde podemos encontrar informações atualizadas e escritas por especialistas. Basta acessar o endereço: www.marinha.mil.br/saudenaval/.

Pesquisadores do mundo todo estão dedicados a entender a patogenia, buscar antivirais, melhores técnicas para detecção viral e vacinas. Por hora, temos que fazer nossa parte seguindo a recomendação dos órgãos de saúde e adequando nosso comportamento para evitar a rápida disseminação viral. ■

- Para **Disque Saúde**: ligar 136
- Para **Saúde Sem Fake News**: enviar mensagem via *WhatsApp* para (61) 99289-4640

*1 Técnica em Biotecnologia da Fundação Oswaldo Cruz.

*2 Bióloga Virologista.